

“DE MALA E CUIA” – UM ACERVO ITINERANTE

ANAMARIA AZIZ CRETTON (UNIRIO).

Resumo

Essa pesquisa objetiva examinar e analisar uma das ações educativas desenvolvidas pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP). Segundo documentos do programa educativo desta instituição, suas ações objetivam aproximar o público escolar do universo do folclore e da cultura popular, sob uma perspectiva antropológica contemporânea, através de empréstimos de pequenas coleções de seu acervo. O foco desta pesquisa concentra-se no projeto itinerante “De mala e cuia” cujo acervo reúne livros (infantis ou não), folhetos de cordel, xilogravuras, catálogos, fotos, CDs e artigos de jornais. O projeto foi concebido como resposta possível a uma demanda do público escolar que busca a Biblioteca Amadeu Amaral, especializada em folclore e cultura popular, para pesquisas sobre esses temas. Para esta investigação, de abordagem qualitativa, realizamos um estudo de caso, de natureza etnográfica, a fim de observar como se operacionalizou o empréstimo do projeto “De mala e cuia” na Escola Municipal Coralina (nome fictício), situada em um bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Procuramos observar em que medida essas ações reiteram e perpetuam discursos/memórias cristalizados (POLLAK, 1992) a respeito do folclore (ABREU, 2003) e da cultura popular (BURKE, 1989) e/ou modificam e atualizam a abordagem desses temas, problematizando a pluralidade cultural brasileira no âmbito escolar. Interessa-nos examinar que discursos estão sendo construídos nessas práticas comunicativas institucionais (DREW; HERITAGE, 1992) a partir de alguns conceitos da análise do discurso em uma perspectiva sócio-interacional (GOFFMAN, 1981 e TANNEN, 1986). A análise dos dados sugere oscilações entre a reiteração dos conceitos de folclore e cultura popular, conforme eram tratados antes da reaproximação desse campo de estudos com o olhar antropológico, e também indica alguns processos de mudança e de ampliação conceitual. Foi observada a importância do mediador entre o acervo e os usuários do projeto, enquanto dinamizador de leitura e interlocutor entre os representantes institucionais.

Palavras-chave:

Práticas comunicativas institucionais, Dinamização de leitura, Pesquisa escolar.

Este texto é fruto de minha pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-graduação em Memória Social da UNIRIO, na qual examinei uma das ações educativas desenvolvidas pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP). Segundo documentos do programa educativo desta instituição, suas ações visam aproximar o público escolar do universo do folclore e da cultura popular, sob uma perspectiva antropológica contemporânea, através de empréstimos de pequenas coleções de seu acervo. O CNFCP pesquisa, documenta e divulga as expressões da cultura popular brasileira reunindo, ao longo dos anos, um rico acervo museológico, bibliográfico, sonoro e visual, conforme folder da instituição. É uma referência nacional em sua especialidade e foi, no final de 2003, incorporado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A instituição é composta pelo Museu de Folclore Edison Carneiro, pela Biblioteca Amadeu Amaral, pela Difusão Cultural e pelos setores de pesquisa e administração.

O desafio dos museólogos, antropólogos, educadores e demais mediadores de leitura envolvidos nessa instituição é o de saber suscitar e problematizar questões relativas à diversidade cultural constituinte da sociedade brasileira. Questões que

envolvem categorias complexas como identidade, memória, autenticidade, cultura e arte popular, só para citar algumas.

Ao refletirmos sobre ações educativas desenvolvidas em espaços culturais, cabe-nos perguntar de que concepção de educação estamos falando. Denise Studart, que assumiu a coordenação do CECA-Brasil[1] em 2001, expõe a perspectiva contemporânea:

"chamamos a atenção para a importância de conceber as ações educativas como processo, em que a tônica seja o diálogo, a troca e a construção conjunta do conhecimento" (2004a: 38).

Para além das técnicas ou métodos eleitos e para além das diferentes denominações que o educador de museus vem recebendo (guia, monitor, mediador, etc.), Maria Célia Santos indica que o importante, além de explicitar as concepções de educação e de museologia "adotados pelos sujeitos sociais envolvidos", esses projetos precisam também ser flexíveis aos contextos em que estão inseridos (2008: 128). Além de propor a auto-avaliação permanente, Maria Célia, museóloga e doutora em educação, traz outra questão pertinente e inquietante:

"O conceito de museu, para a grande maioria de professores e alunos, ainda permanece como 'um local onde se guarda coisas antigas', sendo que o patrimônio cultural é compreendido como algo que se esgota no passado, (...) sem nenhuma relação com a vida, no presente. Cultura, patrimônio e tradição são produtos dissociados do cotidiano do professor e da vida dos seus alunos" (SANTOS, 2008: 132-133).

Essa leitura da instituição museal instaurou-se em nossa memória trazendo conseqüências ainda mais complexas. A maneira como a escola entende essas categorias é um dado importante. O que foi que o museu fez, ou deixou de fazer, para a construção dessa memória? Se hoje o objetivo é buscar uma aproximação entre museus e público escolar, como vencer o fosso que se criou? Que ações e estratégias estão sendo feitas nesse sentido?

Seria pertinente lembrar que o CECA-Brasil indica, como um dos pontos da "política educacional de museus", a "realização de trabalhos extramuros, muitas vezes [como] a única maneira de sensibilizar e atender a outras comunidades fora da área do museu". Nesse sentido, podemos dizer que a concepção dos projetos itinerantes do CNFCP, adota essa perspectiva já que estimula, como uma de suas "estratégias de ação", a circulação de acervos para fora dos muros da instituição cultural (STUDART, 2004b: 18).

Segundo a publicação "O museu em perspectiva" (BRASIL, 1996), as ações educativas desenvolvidas pelo CNFCP são planejadas a partir de certas demandas observadas no contato com as escolas que freqüentam aquela instituição visitando as exposições ou fazendo pesquisa na biblioteca. A recorrência de alguns aspectos nas abordagens de professores e de alunos sobre os temas do folclore e da cultura popular levou à criação de alguns projetos objetivando: desconstruir uma visão romântica do folclore, questionar a perspectiva da regionalização, enfatizar o caráter dinâmico desses saberes e fazeres, valorizar e contextualizar o artista

popular e sua produção, dessacralizar os objetos expostos situando-os como referências do cotidiano popular, enfim, ampliar o entendimento do que seja folclore e cultura popular a partir de uma orientação teórica antropológica que vem norteando os projetos da equipe desde 1982.

Para alcançar tais objetivos optou-se pelo investimento na qualificação do professor para que pudesse ser um "multiplicador de conhecimentos sobre a cultura popular". Nesse intuito, projetos itinerantes foram concebidos para que parte do acervo do CNFCP pudesse estar disponível para empréstimos. "Caminhando nessa linha de reflexão, fomos amadurecendo a idéia de 'itinerar' pequenas coleções do museu, mas, mais do que isso, 'itinerar' uma idéia diferente acerca de museu" (YUNES, 1996: 13 e 25). As ações educativas ali desenvolvidas são de responsabilidade do setor de Difusão Cultural. Cada projeto solicitado permanece cerca de 40 dias na escola ou outra instituição interessada. Para solicitar o empréstimo desses acervos, é necessário que um ou mais representantes da instituição interessada participe de uma reunião agendada no CNFCP.

O projeto itinerante "De mala e cuia", cujo acervo reúne livros, folhetos de cordel, xilogravuras, catálogos, fotos, CDs e artigos de jornais, foi concebido em 1994 como possível resposta a uma demanda do público escolar que buscava a Biblioteca Amadeu Amaral, especializada em folclore e cultura popular, para pesquisas. Como professora, atuando na biblioteca de uma escola particular do Rio de Janeiro, fui responsável pelo empréstimo dessa coleção e pela dinamização do acervo, no início da década de 90.

Para esta investigação, de abordagem qualitativa, realizamos um estudo de caso, de natureza etnográfica, a fim de observar como se operacionalizou o empréstimo do projeto "De mala e cuia" na Escola Municipal Coralina (nome fictício), situada em um bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 2007. Interessou-nos observar e analisar em que medida as ações educativas do CNFCP reiteram e perpetuam discursos/memórias cristalizados (POLLAK, 1992) a respeito do folclore (ABREU, 2003) e da cultura popular (BURKE, 1989) e/ou modificam e atualizam a abordagem desses temas, problematizando a pluralidade cultural brasileira no âmbito escolar. Interessou-nos examinar que discursos estão sendo construídos nessas práticas comunicativas institucionais (DREW; HERITAGE, 1992) a partir de alguns conceitos da análise do discurso em uma perspectiva sócio-interacional (GOFFMAN, 1981 e TANNEN, 1986).

O *corpus* desta pesquisa se constituiu por observações etnográficas, fotografias, entrevistas estruturadas e semi-estruturadas e alguns documentos escritos. A opção pelo método da triangulação de dados (GLESNE, 1999) contribui para maior confiabilidade, validação e legitimidade da pesquisa já que supõe a coleta de múltiplas fontes e o cruzamento dessas informações.

Para entendermos melhor a constituição das memórias relativas ao folclore, sobretudo no contexto escolar, precisaríamos situar historicamente o processo de formação dessa instituição cultural, que começa há décadas atrás, com as ações geradas pelo "movimento folclórico brasileiro". O diálogo entre este movimento e as escolas foi uma das metas principais da Comissão Nacional do Folclore (CNFL). Segundo Vilhena "uma agenda consensual foi sendo definida ao longo das reuniões e congressos" desta Comissão, na qual se traçou um programa de prioridades e objetivos a serem buscados: "a pesquisa, para levantamento do material, permitindo o seu estudo; a proteção do folclore, evitando a sua regressão; e o aproveitamento do folclore na educação" (1997: 174).

Como se vê, havia uma intenção de diálogo com as escolas e, mais do que isso, a visão de que os conteúdos folclóricos poderiam orientar a ação pedagógica dos professores. Havia uma preocupação em aproximar as crianças da cultura popular que, segundo a perspectiva do movimento, representava a nacionalidade brasileira. Em função dessa expectativa de aproximação com as escolas, o movimento folclórico fez um empreendimento maciço de divulgação e propostas didáticas, sobretudo através da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB) iniciada a partir de 1958. Diversas publicações foram dedicadas ao tema e amplamente difundidas nas escolas[2]. Consequentemente, ainda hoje, percebe-se na abordagem das escolas, através de seus representantes, a marca dessas ações da CDFB no que se refere a questões conceituais e metodológicas.

Atualmente, o desafio das ações educativas do CNFCP é promover uma revisão do olhar saudosista e nostálgico do folclore, como um objeto evanescente que precisa ser preservado e provocar descobertas que promovam ampliações conceituais.

A importância da mediação

Desenvolvo aqui a análise de uma parte dos dados, direcionando o foco de atenção para algumas questões sobre mediação de acervos e sua relação com a pesquisa escolar e com as práticas comunicativas institucionais observadas.

O tema da mediação me remete a minha experiência profissional como agente de leitura integrante de programas como o PROLER/FBN, o Leia Brasil/Petrobrás e o LerUERJ, nos quais trabalhávamos com a prerrogativa de que a mera distribuição de livros não promove a leitura. Considerávamos de suma importância o trabalho de dinamização dos acervos e o papel do educador/mediador nesse processo. No caso específico do Projeto Leia Brasil, por exemplo, que circulava entre as escolas com caminhões de livros para empréstimo, havia uma negociação: em contrapartida à visita do caminhão, a direção/coordenação da escola deveria disponibilizar alguns professores para participarem de encontros regulares com especialistas, a fim de se qualificarem como gerentes/agentes de leitura em suas unidades escolares. Havia, portanto, a preocupação com a democratização do acesso aos livros concomitantemente à preocupação com a qualificação da mediação do acervo disponibilizado. Partíamos da premissa de que, sem a ação de um mediador, o acervo em si não desperta leitores.

O que ocorre com o projeto "De mala e cuia", por razões diversas (como a falta de profissionais disponíveis na equipe da difusão cultural), é que o acervo segue para a escola, sem a figura de um interlocutor e, portanto, está sujeito a todo tipo de mediação. Do modo como a interação institucional está estabelecida, a representante da escola que participa de reunião no CNFCP, além de ter uma oportunidade única de refletir, junto com a equipe da difusão cultural, sobre as questões conceituais problematizadas nesse encontro, muitas vezes não é a pessoa que assume o papel de mediadora na escola. A etnografia realizada mostrou, nesse caso, que as duas professoras que foram à reunião conversaram com a coordenadora e esta, por sua vez, assumiu a mediação do projeto com a equipe de professores. Foi observado também que, o texto de apresentação do projeto que segue para as escolas, junto com o acervo das malas, não foi lido pela maior parte das professoras, nesse estudo de caso. Portanto, a expectativa da equipe do CNFCP, de introduzir "uma conversa com o professor" (OE 100507 p. 2)[3] por meio da leitura desse documento, não se concretizou. Por diferentes razões, como falta de tempo ou necessidade de desenvolver outras tantas atividades, o texto não funcionou eficazmente como instrumento comunicativo institucional.

"De mala e cuia" na escola e a mediação com as crianças

O projeto "De mala e cuia" foi concebido objetivando enriquecer a pesquisa escolar, oferecendo amplo material para leitura e consulta. Entretanto, como todo acervo, é ressignificado a cada experiência e está sujeito a diferentes usos e operacionalizações.

As duas malas do projeto ficaram sobre duas mesas logo na entrada da biblioteca da Escola Municipal Coralina, cercadas pelo acervo da escola, conforme o registro fotográfico (anexo 1). Delegar para a prof^a. Inês[4], responsável pela biblioteca, a tarefa de apresentar o acervo aos alunos, parece ter sido uma alternativa eleita pela maior parte das professoras. Inês recebia turmas na biblioteca, lendo livros de histórias e sugerindo, após a leitura, que as crianças procurassem descobrir o que havia nas malas. Observei que os alunos, invariavelmente, se sentiam estimulados a escolher o livro da história que acabara de ser lida. Se o convite não era feito, as malas permaneciam abertas e, mesmo assim, raros eram os alunos que se aproximavam. Nesse caso, os alunos buscavam livros nas estantes e optavam por fazer empréstimos do acervo da biblioteca, sem demonstrar interesse pelo conteúdo do projeto "De mala e cuia".

O acervo em si, ou a simples presença das malas, não mobilizou os leitores, conforme já dito acima. Era preciso que as pessoas, professores e alunos, fossem provocados a mexer, "fuxicar", fazer descobertas, e, nesse sentido, Inês ocupou um papel importante como mediadora entre o acervo das malas e as crianças, embora não tenha participado da reunião de apresentação dos projeto itinerantes no CNFCP. É possível que, movida pela preocupação com "a conservação, a devolução", conforme trecho de sua entrevista, ela tenha escolhido algumas turmas para informar da possibilidade do empréstimo e outras em que preferiu não informar. Havia turmas na escola que, naquela ocasião, eram consideradas "difíceis". De acordo com meus registros, localizo pelo menos três turmas que, segundo me informaram, concentrava alunos tidos como "repetentes", "agressivos", ou seja, meninos aos quais estão associados valores que não inspiram confiança. Então concluo que, embora Inês não tenha sido explícita comigo com relação a isso, esse pode ter sido um dos motivos que a fez selecionar, entre as turmas, aquelas em que informou a possibilidade do empréstimo.

Chama-me a atenção o fato de Inês priorizar "a questão mesmo da devolução, da conservação do material" (EI 011107 p. 1)[5] e não o desafio de dinamizar o acervo mobilizando os leitores em potencial a se interessarem pelos livros, mesmo que isso implicasse na possível perda de alguns exemplares. O que, de certa forma, vem endossar o comentário de Lucia[6]: "Que tragédia... As escolas não gostam de emprestar os livros do 'De mala e Cuia'. (...) A mesma reverência, o mesmo endeusamento do livro na estante passa pro livro da biblioteca, pro livro do 'De Mala e Cuia'. Repete o padrão. E isso é lamentável" (ELY 020708 p. 17). De fato, conforme constatei, o número de empréstimos feitos foi muito inferior ao número de docentes e discentes contabilizados, enquanto as malas estiveram na escola: apenas 8 professoras (entre as 23 diretamente envolvidas) e 11 alunos (entre os 958 contemplados).

A mediação com as professoras

Com relação à mediação entre o corpo docente e o acervo das malas, função assumida pela coordenadora, percebo que os conflitos internos de relacionamento podem ter sido relevantes como explicação para o desinteresse de algumas professoras pelo projeto em si. Algumas preferiram desenvolver projetos em sala de aula que não dependiam do uso do material emprestado à escola. Outras se serviram do acervo da biblioteca ou de acervos próprios, como a prof^a. Juliana, a despeito de ter ou não problemas com a coordenadora. Ela elogia a biblioteca da escola: "nossa sala de leitura é bem rica" e comunica sobre seu acervo próprio: "aquelas lendas, aquelas coisas, na, não peguei do 'De mala de cuia' porque eu tenho, também, uma coleção de folclore, com vários livrinhos, mini-livros, né, e aí, nós lemos em sala de aula, pra num, até não pegar o de lá, que era o mesmo material, né", ou seja, a prof^a. Juliana se alinha como uma leitora familiarizada com o tema, independentemente do contato com o projeto (EJ 231007 p. 2 e 4).

A visão de que se trata do "mesmo material" é uma perspectiva comum a várias professoras. Alguns livros do acervo da escola realmente coincidiam com os livros das malas. Entretanto, muitos livros aparentavam ser os mesmos, já que tinham os mesmos títulos (O Saci, O Boto, A Mula-sem-cabeça), mas eram de diferentes editoras. Como os contos populares são de domínio público, as editoras, muitas vezes, publicam sem identificar as fontes (adaptação ou compilação) e, eventualmente, sem cuidado no tratamento do texto. Acho importante que esses dados sejam levados em conta, uma vez que a seleção do acervo do projeto "De mala e cuia" é bastante criteriosa, realizada com a consultoria de especialistas na escolha dos títulos, e procura contemplar diversos temas (vida, trabalho, festas, religiões e arte).

Como professoras e alunos tinham acesso aos mais variados acervos, a tendência a eleger majoritariamente as lendas como símbolo do folclore, observada na escolha dos empréstimos e nas atividades desenvolvidas, pode ser consequência da pouca interação entre as instituições. Há, em diferentes momentos, pistas que apontam para a necessidade de maior diálogo e, portanto, de uma mediação direta, talvez com a presença de um representante do CNFCP nas escolas que fazem os empréstimos, em algum momento do processo. A análise aponta para a importância do interlocutor que, nessa proposta de trabalho extra-muros, acompanhe o acervo e possa promover um diálogo mais abrangente, atuando junto ao empréstimo do material. Esse mediador poderia tanto provocar reflexões no grupo de docentes/usuários do projeto, levando para essa conversa a perspectiva adotada pelo CNFCP sobre folclore e cultura popular, como também poderia trazer, da escola, a fala dos professores sobre a operacionalização do projeto e demais questões colocadas, sobre seus contextos específicos.

A pesquisa escolar

A questão da pesquisa é um desafio para a escola hoje, diante das novas tecnologias (e a prática do ctrl c - copiar e ctrl v - colar), assim como no tempo em que se via "os meninos copiando os livros, arrancando páginas dos livros" na Biblioteca Amadeu Amaral, segundo relato de Lucia Yunes (ELY 020708 p. 18). A proposta do projeto "De mala e cuia" surgiu dessa demanda, na tentativa de romper com a pesquisa desinteressada, sugerindo, ao professor, que escolha

"temas que aproximem o estudante de coisas que façam sentido para sua vida cotidiana", conforme diz o texto de apresentação do projeto.

Na maior parte dos casos analisados, as professoras não parecem construir pontes entre educação, cultura popular e o tema da pluralidade cultural brasileira. A palavra folclore ocupa um espaço, no imaginário da escola, atrelado a uma memória enquadrada que tende a reproduzir estereótipos de Sacis e Iaras, ofuscando ricas possibilidades de trabalho com a cultura popular.

Trago um exemplo das minhas notas de campo em que uma professora soube promover uma aproximação entre os conteúdos curriculares, a pesquisa e as experiências do aluno, através da participação da avó do estudante, mas parece não perceber a importância disso: "A prof^a. Nilda me contou que havia trabalhado com medicina popular, inclusive utilizando três publicações do projeto 'De mala e cuia', e que os alunos tinham feito chás, cremes... Um aluno que estava ao lado dela completou: 'xarope'. E a professora acrescentou: 'Ah é, ele aprendeu com a avó dele'". Escrevi em meus registros: "Que sorte ele estar ali... se não estivesse talvez ela não lembrasse para me contar. Coisa tão valiosa dita assim, quase por acaso" (OE 300807 p. 3). Felizmente, em sua entrevista, a prof^a. Nilda indica pistas que apontam para o redimensionamento valorativo da experiência: "outra coisa assim que eu achei legal foi a participação de avós" (EN 251007 p. 4).

Ressalto que "não cabe mais ao professor perceber os estudantes apenas como seres de cognição, mas também como seres socioculturais (...)". Comparando as idéias de Bronislaw Malinowski e Paulo Freire, Maurício Rodrigues de Souza dá ênfase a uma questão presente no pensamento dos dois pesquisadores: "a necessidade de professores e antropólogos respeitarem sempre o 'saber-fazer' comunitário já previamente adquirido por seus respectivos *outros*, sejam eles alunos ou 'nativos'" (2006: 489 e 495). Penso que é disso que Lucia Yunes está falando quando diz que "a cultura popular é um prato cheio..." para trabalharmos aquilo que "Paulo Freire já ensinou pra gente há tanto tempo" (ELY 020708 p.273-274). Ou seja, o "saber-fazer" comunitário: o xarope que o aluno "aprendeu com a avó dele", por exemplo.

O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. (...) E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo "leitura de mundo" que precede sempre a "leitura da palavra" (FREIRE, 1997: 10).

Em outras palavras, é disso que fala também Lygia Segala: "é fundamental a abertura das escolas para os saberes locais e expressões populares, instigando projetos de aprendizagem recíproca, de circularidade de saberes, recontextualizando e complexificando o processo de produção do conhecimento" (2005: 108). Penso que essa "abertura das escolas para os saberes locais" seja um dos caminhos possíveis para o reconhecimento da diversidade cultural, o respeito à diferença e a problematização da pluralidade cultural brasileira no âmbito escolar. Se esse é um ponto fundamental nas ações educativas do CNFCP, não parece ter sido relevante para a maior parte das professoras, nesse estudo etnográfico.

A análise dos dados sugere oscilações entre a reiteração dos conceitos de folclore e cultura popular, conforme a perspectiva do movimento folclórico brasileiro, mas também aponta para ampliações conceituais. A reiteração foi observada nos casos em que as professoras expressam uma tendência a associar o folclore e a cultura

popular exclusivamente a lendas, ao passado, ou a algo distante, "regional", anônimo, "tradicional", representativo de uma suposta identidade nacional. Em outros casos, mais alinhados com a perspectiva antropológica contemporânea, na qual se reconhece o caráter dinâmico das manifestações culturais, foram observadas associações dessas categorias com a atualidade, o cotidiano e os processos de construção e transformação permanentes.

Referências bibliográficas

ABREU, Marta. Cultura Popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, Marta; SOIHET, Rachel (Org.). *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

BRASIL. Ministério da Cultura. Funarte. *O museu em perspectiva*. Rio de Janeiro: MinC/Funarte, 1996.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DREW, Paul; HERITAGE, John. *Talk at Work*. Oxford: Cambridge University Press, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GLESNE, Corrine. *Becoming Qualitative Researchers: an introduction*. New York: Longman, 1999.

GOFFMAN, Erving. *Forms of Talk*. Pennsylvania: Pennsylvania University Press, 1981.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: APDOC, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RIBEIRO, M. de Lourdes Borges. O folclore na escola. In: *Cadernos de folclore* (5). Rio de Janeiro: SMEC/ CDFB, s/d.

RUIZ, Corina Maria Peixoto. *Didática do folclore*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Papelaria América, 1982.

SANTOS, Maria Célia Moura. Museu e educação: conceitos e métodos. In: _____. *Encontros museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu*. Rio de Janeiro: MinC/IPAHN/DEMU, 2008.

SEGALA, Lygia. Uma dinâmica de reinvenção das culturas populares. In: *Seminário de Políticas Públicas para as culturas populares*. Anais... São Paulo: Instituto Polis; Brasília: MinC, p. 107-109, 2005.

SOUZA, Maurício Rodrigues de. Por uma educação antropológica: comparando as idéias de Bronislaw Malinowisk e Paulo Freire. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: ANPEd; Autores Associados, v. 11, n. 33, set./dez. 2006.

STUDART, Denise Coelho. Educação em museus: produto ou processo? *MUSAS. Revista Brasileira de Museus e Museologia* - n. 1. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004a.

_____. A produção intelectual do CECA-Brasil nas conferências internacionais do Comitê de Educação e Ação Cultural do ICOM de 1996 à 2004. *MUSAS. Revista Brasileira de Museus e Museologia* - n. 1. Rio de Janeiro: IPHAN, p. 34-40, p. 11-18, 2004b.

TANNEN, Deborah. *That 's Not What I Meant!* New York: Ballantines, 1986.

VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. *Projeto e Missão: o movimento folclórico-brasileiro 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte/Fundação Getúlio Vargas, 1997.

YUNES, Lucia. O prazer de descobrir caminhos: museu e biblioteca vão à escola. In: BRASIL. Ministério da Cultura. Funarte. *O museu em perspectiva. Rio de Janeiro: MinC/Funarte, 1996*.

[1] O CECA (*Committee for Education and Cultural Action*) é um dos 29 comitês internacionais do ICOM (*International Council of Museums*) e objetiva promover "o intercâmbio de informações e idéias sobre a teoria e a prática da educação em museus" (STUDART, 2004b: 13).

[2] Os títulos "Didática do folclore" de Corina Maria Peixoto Ruiz (1982), cuja 1ª publicação foi em 1976 e "O folclore na escola" de M. de Lourdes Borges Ribeiro, in: *Cadernos de folclore* (5), são exemplos dessas publicações.

[3] Para citar observações etnográficas optei pelo código (OE) seguido pela data do registro (dia, mês e ano) incluindo o número da página onde foi encontrada a informação.

[4] Todas as professoras citadas receberam nomes fictícios.

[5] Para citar trecho de entrevistas optei pelo código (E) seguido pela inicial do nome da professora, a data e o número da página de onde foi retirado.

[6] Lucia Yunes (ELY) e Lucila Telles (EL), representantes do CNFCP, autorizaram a identificação de seus nomes ao serem entrevistadas.



Foto: As malas do projeto “De mala e cuia” na biblioteca da escola